

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ALINE LIMA SOARES DOS REIS

**IGREJA TAMBÉM É CEMITÉRIO: AS PRÁTICAS DE SEPULTAMENTO NA
IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ÁGUA BRANCA/
AL (1861- 1998)**

DELMIRO GOUVEIA

2022

ALINE LIMA SOARES DOS REIS

IGREJA TAMBÉM É CEMITÉRIO: AS PRÁTICAS DE SEPULTAMENTO NA IGREJA
MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ÁGUA BRANCA/ AL (1861-
1998)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Banca Examinadora do Curso de História da
Universidade Federal de Alagoas, Campus do
Sertão, como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Farias Silva

DELMIRO GOUVEIA

2022

Folha de Aprovação

ALINE LIMA SOARES DOS REIS

IGREJA TAMBÉM É CEMITÉRIO: AS PRÁTICAS DE SEPULTAMENTO NA IGREJA
MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ÁGUA BRANCA/AL (1861-
1998)

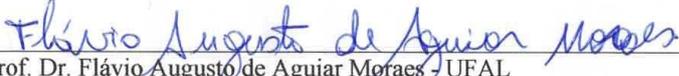
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Banca Examinadora do Curso de História da
Universidade Federal de Alagoas, Campus do
Sertão, como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de licenciada em História,
aprovado em 05 de abril de 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Farias Silva

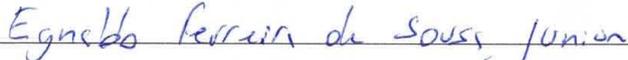


Profa. Dra. Sheyla Farias Silva- UFAL (Orientadora)

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Flávio Augusto de Aguiar Moraes - UFAL



Prof. Me. Egnaldo Ferreira de Sousa Júnior - SEDUC/AL

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar forças, saúde e perseverança para que eu pudesse continuar e finalizar mais um ciclo na minha vida.

A minha família, aos meus pais por todo apoio incondicional por todo incentivo e por jamais medirem esforços para que eu pudesse realizar todos os meus objetivos ao longo da minha trajetória acadêmica. A minha irmã, pela amizade e atenção quando sempre precisei.

Minha eterna gratidão a minha querida orientadora Sheyla Farias, por nunca ter desistido de mim, por todo empenho, incentivo, paciência e auxílio na orientação. MUITÍSSIMO obrigada por aceitar conduzir meu trabalho e por suas valiosas contribuições.

Aos muitos amigos e amigas que fiz ao longo do curso. Em especial Gessica Mendes, Márcia Araújo, Vitória Teixeira, Cícera Santos e Andressa Hawanna com quem tive o prazer de compartilhar os meus dias e dividir uma das melhores e mais desafiadoras experiências da minha vida. Gratidão por todo companheirismo e pela troca de experiências que foram muito importantes para o meu crescimento não só pessoal como também enquanto formando.

Gratidão a minha queridíssima amiga Maria Lucivânia com quem compartilhei as minhas primeiras experiências acadêmicas durante o início do curso. Suas sábias palavras sempre me inspiraram e nunca me deixaram desistir. Obrigada por todo apoio.

Aos meus amigos Maiara Aparecida, Leonan Henrique, Jefferson de Sá, Criselânia Lima e Marcos Silva que foram minha fonte inesgotável de incentivo. Obrigada por todos os conselhos, pelas inúmeras frases de motivação, pelos puxões de orelha, e por depositarem tanta confiança em mim.

Deixo aqui registrado também os meus sinceros agradecimentos a Edineide dos Santos Lima secretária da paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Água Branca e ao Pároco José Aparecido da Silva que cederam os documentos para a elaboração dessa pesquisa.

Gratidão a todos e a todas que direta ou indiretamente contribuíram para a minha trajetória!

RESUMO

Esse artigo se desdobrou em analisar as práticas de sepultamentos na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, localizada no município de Água Branca/AL. A pesquisa tem como marco temporal os anos de 1861 a 1998 período esse que corresponde ao início e fim desse costume fúnebre nessa freguesia. Partindo da análise dos assentos paroquiais de óbitos que se encontram na secretaria da paróquia e dos sepulcros localizados no interior dessa Igreja procuramos refletir sobre os motivos que nortearam essa prática fúnebre em Água Branca. Por que sepultar na igreja? Quem eram as pessoas agraciadas por essa prática e o que ela representava? Essas são algumas das problemáticas que iram conduzir essa pesquisa. Nosso estudo está dividido em dois tópicos, no tópico I discutimos como surgiu esse costume de sepultar dentro da Igreja, no tópico II analisamos como ocorreram esses sepultamentos ao longo dos séculos XIX e XX. Através desse estudo podemos observar que além de um sentido religioso os sepultamentos na Igreja Matriz era também um símbolo de poder. Embora a Igreja tenha sido um dos lugares mais almejados para os sepultamentos nem todos tiveram acesso. A igreja foi o “cemitério” apenas das pessoas que exerciam grande influência na freguesia, aos indivíduos marginalizados socialmente restava apenas o cemitério paroquial/ público.

Palavras-chaves: Igreja, Sepultamento, Sociedade.

ABSTRACT

This article unfolded in analyzing the burial practices in the Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, located in the municipality of Água Branca/AL. The research has as a time frame the years 1861 to 1998, which corresponds to the beginning and end of this funeral custom in this parish. Starting from the analysis of the parish records of deaths that are in the parish secretary and the tombs located inside this Church, we seek to reflect on the reasons that guided this funeral practice in Água Branca. Why bury in church? Who were the people graced by this practice and what did it represent? These are some of the issues that will lead this research. Our study is divided into two topics, in topic I we discuss how this custom of burying within the Church arose, in topic II we analyze how these burials occurred throughout the 19th and 20th centuries. Through this study we can observe that in addition to a religious sense, burials in the Mother Church were also a symbol of power. Although the Church was one of the most desired places for burials, not everyone had access. The church was the “cemetery” only for people who had great influence in the parish, for socially marginalized individuals, only the parish/public cemetery remained.

Keywords: Church, Burial, Society

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.....	15
Figura 2: Sala onde estão localizadas as sepulturas na parede.....	17
Figura 3: Lápide do barão de Água Branca.....	18
Figura 4: Lápide da baronesa de Água Branca.....	18
Figura 5: Retábulo-mor da Igreja Matriz de N. Senhora da Conceição.....	19
Figura 6: Sala anexa localizada ao lado do altar.....	19
Figura 7: Planta baixa da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.....	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 A IGREJA COMO CEMITÉRIO.....	11
3 SEPULTAMENTOS NA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO NA CIDADE DE ÁGUA BRANCA.....	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	24
FONTES.....	25
APÊNDICE.....	26

1 INTRODUÇÃO

No século XX, a Historiografia passou por um momento de profundas transformações teórico-metodológicas, ampliando o campo de análise dando voz e lugar a sujeitos que durante muito tempo foram excluídos da história. Neste sentido, a Nova História Cultural – vertente da Escola dos Annales - é definida como um conjunto de teorias e práticas historiográficas que se manifestaram a partir da terceira geração dos Annales, a grande produtora de estudos pertencente ao domínio da cultura. Essa vertente historiográfica “trata-se antes de tudo de pensar a história como um conjunto de significados partilhados e construídos para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2004, p. 15).

Nos últimos anos a Nova História Cultural tem sido um dos campos da história em que os historiadores estão dando bastante atenção, tendo em vista a abertura que essa vertente historiográfica dar para o diálogo interdisciplinar com outras modalidades da historiografia, possibilitando variadas abordagens sobre diferentes fatos históricos, visto que toda experiência humana é fato histórico (PESAVENTO, 2004). Desse modo, os ritos, os costumes, os sentimentos, os tabus e as representações geradas pelo fenômeno da morte se tornaram objetos de pesquisa desta vertente historiográfica.

Foi na França que a história da morte passou a ser contemplada na historiografia contemporânea, sendo os historiadores desse país os primeiros a dar ênfase aos estudos que abordam a morte enquanto um rito cultural. Philippe Ariès foi um dos pioneiros no assunto. No Brasil, uma das principais referências é o historiador João José Reis, autor de obras como: “*A morte é uma festa: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do século XIX*” (1999) e “*O cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista*” (1997).

Existem outras pesquisas brasileiras que figuram como importantes obras para reflexões e entendimento de aspectos sociais e culturais acerca da morte, obras que foram fundamentais para o processo de desenvolvimento desta pesquisa. Tratam-se de teses e artigos científicos que se dedicam a discutir sobre essa temática. Mais adiante trataremos um pouco mais sobre estas.

Neste sentido, este trabalho tem enquanto objetivo debater numa perspectiva historiográfica as práticas de sepultamentos realizados na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, localizada na cidade de Água Branca, Alto Sertão alagoano, entre os anos de 1861 a 1998.

Partindo do entendimento de que a morte demonstra o momento final de manifestação religiosa, social, cultural ou mesmo econômica de um indivíduo em sociedade, esta pesquisa foi pensada e elabora tendo essas questões enquanto mola propulsora. Sendo assim, este

trabalho se desdobrou em saber o porquê desses sepultamentos serem realizados dentro da igreja, o que motivou essa prática e quem eram os sujeitos que faziam parte desse rito cultural?

Dois motivos foram preponderantes para a escolha do tema e o desenvolvimento da pesquisa, o primeiro foi o interesse em conhecer o significado dessas práticas de sepultamentos, o segundo, contribuir com o debate historiográfico sobre a temática que é estudada por diferentes áreas das ciências humanas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, inicialmente, procuramos identificar quem eram as pessoas que tiveram seus corpos sepultados na igreja; caracterizar como se davam os padrões de comportamento diante da morte no período pesquisado, e sintetizar elementos que permitissem entender o significado dessas práticas através de seus ritos fúnebres.

A metodologia utilizada passou pela análise bibliográfica e documental, sendo os livros de óbitos que se encontram na secretaria da paróquia da cidade alguns dos documentos usados na pesquisa. São escritos – datados – que vão de 1864 a 1959, somando sete exemplares.

Outra fonte utilizada na pesquisa foram as lápides encontradas no interior da igreja. Inicialmente foram identificadas quinze delas dispersas pelo solo, porém a partir da leitura dos registros de óbitos podemos identificar a existência de outros sepulcros localizados em uma parede atrás do altar. Essas sepulturas ficam na área externa da igreja, o lugar é utilizado como depósito de utensílios de manutenção e limpeza da matriz. Como não há muitas informações sobre essas sepulturas não foi possível identificar o lugar exato que cada morto ocupava, assim como identificar se esses sepultamentos são de origem primária ou secundária¹.

O recorte temporal da pesquisa 1861-1998 se deu levando em consideração a documentação encontrada, tendo sido a partir do cruzamento e confronto desses documentos que foi possível identificar o início e fim desse costume funerário nessa freguesia.

Durante a pesquisa, inicialmente, realizamos uma visita a Igreja Matriz e a secretaria da paróquia onde estão todos os documentos eclesiásticos, como por exemplo, os registros de batismos, casamentos e óbitos.

Foi através dos registros de óbitos que constatamos quais atitudes precediam e sucediam a morte nessa freguesia nos séculos XIX e XX. Através das notas de falecimento identificamos quais foram os principais locais de inumação e cerimônia de acordo com a classe social, e

¹ Em termos arqueológicos os sepultamentos primários são aqueles cujos corpos são dispostos na cova e não sofrem nenhum tipo de alteração posteriormente. Já os sepultamentos secundários são aqueles que o local do sepultamento é reaberto e é submetido a algumas mudanças. Os ossos podem ser removidos e reorganizados. Podem também passar por uma série de novos ritos fúnebres.

também quais foram os sacramentos mais ministrados, as principais causas mortis, e as cores de hábitos mais usados.

Por se tratar de uma documentação envelhecida sem nem um tratamento específico para a sua conservação, foi necessário ter bastante cuidado no seu manuseio, haja vista ser um documento de grande extensão.

Logo após a coleta de dados no acervo da paróquia, começamos a coleta dos dados na igreja Matriz, pois é nesse espaço que estão localizadas as lápides e demais sepulcros. Assim sendo, iniciamos a pesquisa em busca da localização das lápides, em seguida verificamos quem eram as pessoas que estavam sepultadas naquele local e quais os aspectos morfológicos presentes em cada sepultura. Para a análise das lápides as variáveis observadas foram o tamanho das lápides, a localização, as inscrições contidas em cada uma, o formato, bem como os aspectos ornamentais que variavam entre ramos e flores, ramos e laços, cruz e flores ou cruz e ramos.

Durante o processo de localização e mapeamento das lápides, observamos qual foi o primeiro e último sepultamento realizado na igreja. Tendo sido a partir dos registros de óbitos que identificamos a existência de catacumbas nas paredes dos corredores da igreja. Com essa documentação reunida podemos iniciar o processo de análise, interpretação, cruzamento e confronto entre as fontes.

Os procedimentos metodológicos utilizados na realização da pesquisa buscaram sustentação teórica na escola dos Annales, o que possibilitou o entendimento sobre a existência de variadas fontes, oficiais ou não, e sendo possível perceber novos objetos de estudos para o debate e escrita da história.

Para o debate historiográfico realizado neste trabalho buscamos referências em autores como, o historiador João José Reis autor da obra “A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX”. Uma das obras mais completas sobre as atitudes de nossos antepassados em relação a morte e os mortos no século XIX no Brasil. Mas, assim como Reis outros pesquisadores se debruçaram sobre essa temática e essas pesquisas foram fundamentais na condução dessa pesquisa. Logo a baixo estão algumas das obras desses pesquisadores.

Para entendermos como ocorreram as transformações no território da morte nos valem das contribuições de Bonjardim, Bezerra e Vargas (2010) que teorizam sobre “A morte do cristão em transformação: As cidades e o espaço da morte”. Nos valem ainda das discussões de Silveira (2010) que se dedica a analisar os sepultamentos dentro dos templos religiosos na cidade de Diamantina. Uma outra pesquisa que trouxe valiosas contribuições a esse estudo foi o trabalho de SANTOS (2013), em seu artigo intitulado “Temp (L) o da salvação:

representações da morte e ritos fúnebres no Seridó nos séculos XVIII e XIX” a autora tece uma discussão sobre o imaginário, os ritos e atitudes do povo seridoense perante a morte.

Bravo (2012) em seu estudo “Cemitérios (Dos) privilegiados no Rio de Janeiro escravista” fala sobre como o Brasil colonial apresentava uma sociedade bastante hierarquizada. A autora mostra como as desigualdades sociais estavam presentes em todos os âmbitos podendo ser percebidas as desigualdades não só na vida como também após a morte.

Para entendermos sobre as transformações e reorganização do espaço destinado aos mortos após as proibições sanitaristas recorremos aos trabalhos de Luiz Alberto Sales Vieira (2002) Antônio da Conceição Nascimento (2013) e Diego de Souza Fontes Tavares (2016).

Por último, não menos importante nos valem das discussões da obra “História da Morte no Ocidente” (1977) do historiador francês Philippe Ariès que nos mostra como a como as populações europeias encaravam a morte na Idade Média e como ela foi passando por diversas transformações ao longo dos anos. Essas foram as referências bibliográficas utilizadas como fundamentação teórica e apoio na interpretação das fontes.

Para entender sobre a história cultural procuramos apoio nos escritos de Sandra Pesavento (2004). E para saber mais sobre a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Água Branca nos valem do trabalho de Santos (2019) que escreveu com riquezas de detalhes sobre os aspectos arquitetônicos desse templo religioso do século XIX.

Nosso estudo está organizado e dividido em dois tópicos: no tópico I, fazemos o debate de como surgiu o costume funerário dos sepultamentos no interior das igrejas. No tópico II, tratamos numa perspectiva sociocultural, os motivos que nortearam as práticas de sepultamentos na igreja da cidade de Água Branca.

2 A IGREJA COMO CEMITÉRIO

Destinar um local para o sepultamento é um costume que vem desde a antiguidade. Desde os tempos mais remotos a espécie humana já demonstrava preocupação com o destino após a morte. Ao longo dos tempos cada civilização desenvolveu meios para dar fim ao corpo morto. Os sepultamentos dentro das igrejas remontam os primeiros séculos do cristianismo “Na antiguidade berço da nossa cultura Grécia e Roma a base da construção das cidades e sociedades era o poder dos homens, um estado centralizado no homem”. (BONJARDIM, BEZERRA, VARGAS, 2010, p. 04).

No entanto, “com a instauração do cristianismo como religião oficial do Estado esse cenário se modificou. As cidades começaram a centralizar seu poder na igreja” (BONJARDIM,

BEZERRA, VARGAS 2010, p. 05). A morte que antes fazia parte de um território invisível passa a ganhar visibilidade através da igreja que busca ganhar território e transformar os templos religiosos em um espaço ideal para os sepultamentos.

Ser sepultado na igreja significava simbolicamente a garantia de uma boa viagem para o outro mundo, pois segundo os preceitos religiosos da igreja católica, “Os sepultamentos em território sagrado representavam uma das condições fundamentais para se alcançar a salvação” (VIEIRA, 2002, p. 09). Além do mais, essa preferência pelo sepultamento no interior da igreja estava ligada a crença da existência do purgatório antessala que divide o céu e o inferno.

Na Europa essa prática de sepultar no interior das igrejas vigorou desde o início da Idade Média, atravessando a época moderna se mantendo até o final do século XVIII, quando surgiu um movimento de ideias progressistas que advogavam sobre o fim desse costume funerário. (BRAVO,2012). Os médicos e higienistas influenciados pelo cientificismo que surgia com os ideais iluministas, defendiam que os corpos em decomposição eram altamente prejudiciais à saúde dos vivos. (TAVARES, 2016). No Brasil os sepultamentos dentro das igrejas datam do período colonial, tendo em vista a herança europeia de seus costumes e tradição religiosa.

O modelo de colonização implementado no Brasil tinha uma característica fortemente religiosa, tendo enquanto intuito a propagação da fé cristã católica, cabendo a igreja fazer a mediação de aproximação entre os indivíduos e o catolicismo. Os sepultamentos não fugiram a regra, o medo do destino que a alma tomaria após a morte fez com que os indivíduos procurassem meios para garantir que a alma partisse em paz e conseguisse a salvação. Dessa forma, a igreja era o lugar perfeito e um dos mais desejados, pois proporcionava a proximidade entre o morto e a corte celestial. (SILVEIRA, 2010).

Porém, convém aqui ressaltar que nem todos tinham acesso a esse espaço, embora as igrejas fossem o local ideal de inumação, existia uma divisão dentro da própria igreja, que João José Reis (1999) chamou de “geografia dos mortos”. Os sepultamentos seguiam uma hierarquia, os mortos tinham seus lugares de sepultamentos predeterminados pelas suas condições em vida. “A ordem de importância variava das covas no adro, de menor prestígio, àquelas próximas do altar mor, onde se acomodavam os mortos melhor situados na vida” (REIS, 1997, p. 128). Dessa forma, ser sepultado na igreja era também um sinal de grande prestígio.

Além da escolha do local de sepultamento, um outro aspecto da cultura fúnebre envolvia os cuidados com o corpo. De acordo com Reis (1997), “os ritos domésticos eram imprescindíveis, pois tinham como objetivo afastar os espíritos malignos do morto” (p. 109). A morte ideal não deveria ser solitária, participavam do cortejo fúnebre os familiares do morto,

rezadeiras, pessoas conhecidas e desconhecidas. Os padres acompanhavam o cortejo quando se tratava do funeral de pessoas – elite colonial – com alto poder aquisitivo.

Mas, assim como na Europa essas práticas foram proibidas no Brasil, não demorou muito para que as teorias higienistas se espalhassem por todo o país. (BONJARDIM; BEZERRA; VARGAS, 2010). As reformas funerárias pretendiam construir um lugar adequado para os mortos, longe do convívio dos vivos, transferindo-os para cemitérios localizados fora dos perímetros urbanos.

Havia uma preocupação em limpar o ar dos fluidos miasmáticos, os médicos defendiam a tese de que a matéria orgânica em decomposição dos corpos putrefatos emanava gases infectos que davam perpetuidade a um ciclo disseminador de doenças. (TAVARES, 2016). Os cemitérios extramuros irão surgir nesse contexto quando se discutem em torno das normas sanitaristas que requeriam que a morte fosse higienizada e os mortos afastados dos espaços urbanos.

Alguns fatores acabaram apressando a construção e implementação dos cemitérios, a falta de espaço nas igrejas, o mau- cheiro que os corpos exalavam, o discurso de modernidade da sociedade trazido pelos médicos higienistas e as epidemias que assombravam o país impulsionaram essa mudança, transferindo o local de sepultamentos das igrejas e seus arredores para espaços arejados e distantes das cidades, longe do convívio humano.(VIEIRA, 2002).

Porém, a proibição dos sepultamentos na igreja foi um divisor de opiniões, de um lado estavam as igrejas e irmandades que defendiam a continuidade dessa prática, do outro os médicos e sanitaristas que não concordavam com esse tipo de sepultamento. No Brasil não houve uma homogeneidade na construção dos cemitérios, em cada região se deu de forma diferenciada, tendo em vista suas peculiaridades houveram manifestações contrárias e a favor.

Em “*A morte é uma festa* (1999)” o historiador João José Reis traça uma análise das atitudes de nossos antepassados diante da morte e dos mortos no Brasil do século XIX a partir de um episódio que ficou conhecido como “cemiterada”². Reis argumenta sobre como ocorreram tais reações a essas mudanças em relação ao fechamento das igrejas e cemitérios paroquiais para os mortos. Ele vai dizer que embora já houvesse uma discussão em torno da construção dos cemitérios e leis que proibiam os sepultamentos na igreja, essa prática ainda era comum, isso por que existia uma forte cultura funerária. Que só vai se modificar com a epidemia de cólera que assombrava o país e já tinha dizimado uma parcela considerável da população.

² Movimento que reuniu centenas de manifestantes em Salvador em defesa não só dos sepultamentos que outrora eram realizados no interior das igrejas como também de toda uma conservação ritualística que envolvia a morte.

“O surto epidêmico de meados do século XIX serviu como catalisador das mudanças que já vinham lentamente trabalhando a mentalidade do século, inclusive no que diz respeito ao modo de morrer” (REIS, 1997, p. 141). Nesse caso, a igreja foi perdendo espaço para os saberes médicos e a morte que antes era familiar cercada por ritos e cerimônias passou a ser temida. Os rituais mortuários se tornaram cada vez mais simples, o tema da morte passou a ser encarado como um tabu e os cemitérios passaram a ser o espaço dos sepultamentos modernos.

Como ressaltado anteriormente, cada região seguiu um ritmo diferente em relação a essa mudança. “Mesmo depois de instalada a proibição de enterros dentro das igrejas, essas normas demoraram a serem realmente seguidas, principalmente pelos mais abastados” (BONJARDIM, BEZERRA, VARGAS, 2010, p. 08). Em Água Branca, Alto Sertão de Alagoas, esse costume fúnebre vigorou até o século XX. Assim, no próximo tópico o debate gira em torno dessa prática funerária nessa freguesia, levando em consideração os aspectos socioculturais.

3 SEPULTAMENTOS NA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO NA CIDADE DE ÁGUA BRANCA

Antes de iniciarmos nossa análise retomemos aos idos do século XVIII quando chegaram os primeiros habitantes dessas terras na região, membros da família Vieira Sandes oriundos de Itiúba, pequeno povoado próximo a Porto Real do Colégio em Alagoas. O capitão Faustino Vieira Sandes junto com seus dois irmãos José Vieira Sandes e João Vieira Sandes arrendaram uma grande quantidade de terras e começaram a explorar essa região que até o século XVII fazia parte das sesmarias de Paulo Afonso-BA.

Atraídos pela fertilidade do solo e pelas boas pastagens da caatinga, fixaram moradia e começaram a desenvolver uma das principais atividades da região, a criação de gado e plantação da cana de açúcar, iniciando o primeiro núcleo de povoamento. Em 1770 o Major Francisco Casado de Melo construiu a primeira igreja da região, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que inicialmente funcionou como matriz da freguesia de Água Branca.

Posteriormente, em 1871 ergueu-se uma nova matriz, a de Nossa Senhora da Conceição, construída por Joaquim Antônio de Siqueira Torres, um proprietário de terras, agricultor e comerciante que ganhou o título nobiliárquico de Barão de Água Branca por decreto de 15 de novembro de 1879 e a comenda de São Gregório Magno pelo papa Leão XIII por ter patrocinado a construção de um dos mais belos e autênticos templos religiosos do sertão de Alagoas, que é igreja Matriz.

O Barão de Água Branca foi uma pessoa influente na sociedade água-branquense da época, pois era um homem de grandes posses. “Reza a tradição local que este, teria empregado cerca de quatrocentos mil cruzados” (SANTOS, 2019, p. 03) na construção da igreja, uma quantia significativa de sua fortuna. Considerada um cartão postal da cidade, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição está localizada a aproximadamente 700m de altitude do nível do mar.

Erguida a poucos metros da igrejainha do Rosário, a Igreja Matriz junto aos casarios, formam um dos mais belos e atrativos conjuntos arquitetônicos da região. Com mais de 1.000 metros de área construída, a igreja matriz se destaca na paisagem por tamanha exuberância e beleza.

Figura 1 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.



FONTE: <https://everderame.wordpress.com/igrejas-barrocas-brasileiras>.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição é uma expressão simbólica de atitude devocional católica, mas também do poder econômico e social que a família Vieira Sandes e Siqueira Torres alcançou na freguesia de Água Branca. Como em outras igrejas do século XIX, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição abriga em seu recinto sepulturas eclesiásticas que vão do século XIX ao século XX. As sepulturas, dividem-se em covas no chão e catacumbas verticais nas paredes.

Uma vez que, conhecemos um pouco mais sobre o processo de colonização e ocupação dessa freguesia, veremos agora como se deram as práticas de sepultamento dentro da igreja. Iniciaremos o debate apresentando como se davam os sepultamentos de acordo com a classe social dos sujeitos. Em seguida, esboçaremos algumas considerações sobre os sepultamentos na Igreja, e finalizaremos apontando os principais motivos que nortearam esse costume fúnebre nessa freguesia.

Tomemos como fio condutor para o início do debate, os livros de óbito que foram essenciais para o desenrolar dessa pesquisa. Neles foram assentados óbitos de pessoas dos variados segmentos sociais. Nas anotações do século XIX, por exemplo, é comum encontrarmos nos registros inúmeros óbitos de escravos, de pessoas livres de classe baixa, e dos membros da fidalguia água-branquense.

Os documentos eclesiásticos de óbitos dessa freguesia nos revelam que assim como na vida, as hierarquias sociais estavam presentes também após a morte. As diferenças hierárquicas ultrapassavam as relações cotidianas e se faziam presentes no momento da morte. Embora os sepultamentos no interior da igreja tenham sido um dos mais almejados, nem todos usufruíam desse privilégio.

No século XIX o cemitério paroquial foi o principal local de inumação de boa parte da população. Este cemitério ficava localizado atrás da igreja matriz. De acordo com os assentos de óbito do século XIX, esse local foi destinado a escravos, pessoas livres pobres e indivíduos de classe econômica intermediária. Nesse cemitério os sepultamentos se davam em covas e catacumbas.

Como podemos observar nas fontes, no cemitério paroquial também havia uma distinção de lugar para o sepultamento. As notas de falecimento nos mostram que as pessoas que tiveram seus corpos inumados nas catacumbas eram indivíduos que foram sepultados de forma solene e receberam todos ou quase todos os sacramentos, sendo na maior parte dos casos, pessoas que tinham alguma relação próxima com algum sujeito pertencente a elite da cidade. Enquanto as pessoas mais pobres eram sepultadas em covas no chão e tinham uma cerimônia simples, obtendo apenas o sacramento da penitência.

É importante ressaltarmos que apesar do cemitério paroquial ter sido o principal lugar de inumação da maior parte da população, existiam as exceções. Nos livros de óbitos encontramos dois registros de casos em que o corpo foi inumado fora das paredes do cemitério

e não receberam nenhum tipo de sacramento. Os casos foram de duas mulheres que se suicidaram. A igreja condenava a prática de suicídio³.

No século XX, com o crescimento populacional da cidade, o cemitério paroquial não estava dando conta dos sepultamentos. Dessa forma, houve a necessidade da construção de um novo cemitério, sendo construído, em 1903, o cemitério de São Miguel Arcanjo⁴. O intento de edificá-lo partiu de Gertrudes Senhorinha de Siqueira Torres, irmã do barão de Água Branca. Senhorinha faleceu em 26 de agosto de 1931 e teve seu corpo inumado em uma capelinha nesse cemitério.

Tratemos agora dos sepultamentos realizados na igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Para isso contaremos com a análise de algumas lápides. Inicialmente identificamos quinze lápides dispersas pelo solo, porém, no desenrolar da pesquisa no cruzamento entre as fontes, podemos observar nos livros de óbitos a existência de outros sepulcros que ficam no corredor atrás do altar, tratando-se de nichos verticais.

Figura 02: Sala onde estão localizadas as sepulturas na parede.



Fonte: Arquivo pessoal

³ Embora a Igreja Católica tenha defendido os sepultamentos em solo sagrado haviam algumas restrições para esses sepultamentos. A prática de suicídio era condenada pelos conceitos religiosos da época. Assim como os hereges, blasfemos, feiticeiros, benzedeiros, ladrões públicos. Estes não desfrutariam da imunidade da igreja.

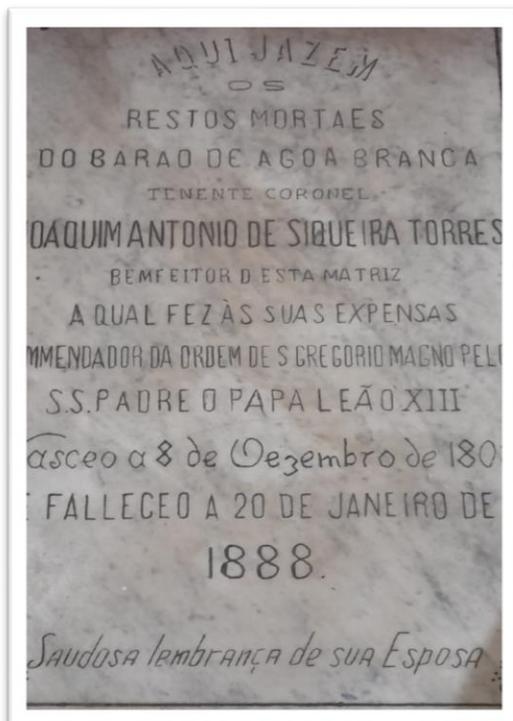
⁴ Este cemitério, atualmente, encontra-se em funcionamento.

Os nichos não possuem um tipo de informação visível, exceto as marcas deixadas pela abertura e isolamento do local. Conforme podemos observar nos documentos, a igreja matriz conta trinta e sete inumações em seu recinto. As sepulturas estão divididas entre covas no chão e nichos nas paredes. As covas estão localizadas na capela-mor e na sala anexa, os nichos estão no corredor atrás do altar. Os livros de óbitos fazem menção a sepultamentos na sacristia, no entanto, não encontramos nenhum vestígio de covas e nichos nesse local.

“A planta da igreja de Nossa Senhora da Conceição em forma de cruz latina. Possui uma nave central e capela-mor, duas naves laterais, capela do santíssimo, sacristia e sala anexa. Apresenta uma área aproximada de 1.100m²” (SANTOS, 2019, p. 09). As primeiras lápides podem ser vistas na capela-mor, onde foram sepultados Joaquim Antônio de Siqueira Torres, barão de Água Branca, falecido em 1888, Cícero Joaquim de Siqueira Torres, filho do barão, o vigário da paróquia, falecido em 1898, e Joana Vieira Sandes, a baronesa, falecida em 1923.

Essas lápides medem aproximadamente 1,65m de altura e 95cm de largura. Foram esculpidas em mármore branco, possuem inscrições em alto relevo, contém informações como, o nome do falecido, a data de nascimento e óbito, títulos adquiridos em vida e epitáfios com suas respectivas dedicatórias. No caso do barão, descreve ainda sua ocupação no governo.

Fig 03: Lápide do barão de Água Branca



Fonte: Arquivo pessoal

Fig 04: Lápide da Baronesa de Água Branca



Fonte: Arquivo pessoal

Nas imediações da capela do santíssimo, próximo ao oratório de Sant'a Ana e São Joaquim, existem outras duas sepulturas. No lado esquerdo foram colocados os restos mortais de Gertrudes Maria da Trindade, mãe do barão, no lado direito, a segunda sepultura, que não foi possível identificar a pessoa ocupante, tendo em vistas as más condições em que se encontra.

Essas lápides são pequenas se comparadas as que estão no altar. A lápide de Gertrudes possui dimensões de 72cm de altura e 50cm de largura, a do lado direito possui 52cm de altura e 32cm de largura. A imagem a baixo corresponde ao retábulo-mor onde podem serem vistas as primeiras sepulturas ao adentrar a igreja.

Figura 05: retábulo-mor da Igreja Matriz de N. Senhora da Conceição



Fonte: Arquivo pessoal

As demais lápides estão posicionadas em uma sala anexa ao lado do altar. Nessa sala foram sepultados alguns dos filhos do barão, e suas esposas: Antônio Vieira de Siqueira Torres e sua mulher Francisca Barroso de Siqueira; Alexandre Vieira de Siqueira Torres e Amélia Vieira de Araújo Torres, Miguel Arcanjo de Siqueira Torres e sua mulher Stella Fernandes Torres; e Luiz Vieira de Siqueira Torres. Assim como as lápides que estão no altar, essas lápides também são suntuosas e medem a mesma estatura.

Além dessas, há outras três sepulturas, a de Joaquim Antônio Torres, falecido em 1988, Alzira Correia, falecida em 1998 e Plínio José Vieira, que foi o único que teve em seu túmulo mais de um sepultamento. Plínio José Vieira foi inumado Junto a seus dois filhos, Flávio e Maria, em 1909. Comparadas as demais sepulturas, essas são pequenas, possuem dimensões de 31cm de altura e 41cm de largura.

Figura 06: Sala anexa localizada ao lado do altar.



Fonte: Arquivo Pessoal

Os sepultamentos realizados na igreja se davam a partir de dois segmentos: em covas no chão e nas paredes, sendo essa prática de sepultar nas paredes, chamada de “Carneiros”⁵.

Com a proibição dos sepultamentos dentro das igrejas, a arrecadação de fundos diminuiu. Os Carneiros foi um meio que a igreja encontrou para continuar seu domínio sobre o território mortuário e conseguir renda. O objetivo era manter os mortos no território da igreja, sem permitir que eles prejudicassem as pessoas que participavam das missas. Assim, a igreja manteria o domínio sobre os sepultamentos e cumpriria com as normas sanitárias que vigoravam no Brasil desde 1830 quando surgem diversas críticas a esse costume fúnebre.

Em Diamantina, segundo Silveira (2010) essas sepulturas nos carneiros começaram a ser introduzidas nas igrejas a partir de 1830. “Sua implementação transfigurou-se em práticas intervencionistas dos meios, das pessoas e das coisas e, no poder público, por uma política higiênica legalista com fins civilizadores” (SILVEIRA, 2010, p. 128).

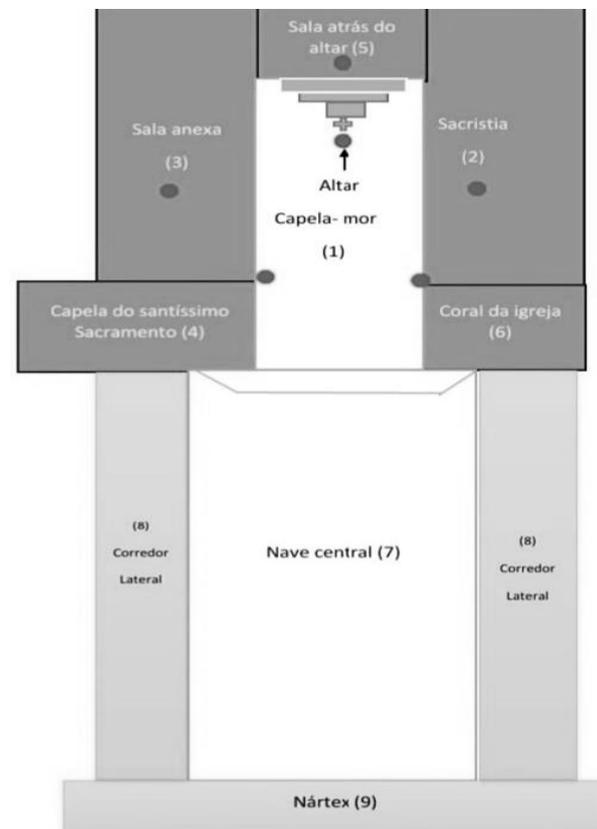
Na cidade de Água Branca o primeiro registro desse tipo de sepultamento data de 1880. No livro de óbito nº 02 onde foi assentado o óbito de Misseno de Siqueira Torres, filho do barão, que faleceu de moléstia interna aos 29 anos. Segundo seu registro de óbito ele foi solenemente encomendado pelo Rmº Vigário de Tacaratú/PE e inumado em uma catacumba dentro da igreja. Não podemos afirmar que esse foi o primeiro sepultamento na igreja, pois por

⁵ A palavra Carneiros vem do latim *carnaruim*, significa depósito de carne. Essa denominação integrou o linguajar brasileiro vindo do português arcaico sendo associada a toda e qualquer construção de sarcófagos de paredes. (VALLADARES, 1972, p. 149 apud SILVEIRA, 2010, p. 127).

falta de um tratamento específico para a conservação dos documentos, o livro nº 01 que data de 1864 a 1880 não pode ser consultado. O que nos impossibilitou de fazer essa constatação.

De acordo com essa documentação, podemos perceber que somente as pessoas que detinham poder político e econômico foram sepultadas na igreja Matriz. Essas pessoas, faziam parte das tradicionais famílias da elite água-branquense pertenciam a família do barão, da baronesa e do líder político o coronel Ulisses Luna. Logo a baixo, podemos observar os principais locais de inumação na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Figura 7 - Planta baixa da Igreja Matriz.



FONTE: Arquivo Pessoal.

Notamos que havia uma preferência pelos sepultamentos nas proximidades do altar isso se explica pelo fato de além de estar perto das orações e intercessões dos fiéis era um dos lugares de mais prestígio onde se acomodavam os mortos melhores situados na vida. Através dos registros paroquiais de óbitos e dos sepulcros podemos perceber que os sepultamentos na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição era um símbolo de cristandade, mas também de poder.

As pessoas que faziam parte da elite água-branquense tinham uma cerimônia suntuosa como todo um aparato fúnebre, enquanto as pessoas de classe mais baixa tinham sepultamentos mais simples possível muitas vezes chegaram a não receber nem um tipo de sacramento e suas sepulturas se davam no cemitério público da paróquia em covas cavadas no chão. No caso das pessoas que tinham um pouco mais de condição financeira, mas não o suficiente para o sepultamento na igreja, as sepulturas se davam nas catacumbas do próprio cemitério paroquial.

Desse modo, os sepultamentos da Igreja Matriz perpassavam a devoção católica, sendo também uma forma de demonstrar prestígio e poder. Assim, os contrastes sociais se faziam presentes não só na vida como também após a morte. Cada morto tinha seu lugar de sepultamento predeterminado a partir do lugar que ele ocupava na sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, a humanidade sempre apresentou uma resposta para esse fenômeno inerente a vida, que é a morte. Cercada por simbolismos e interpretações que variam de sociedade para sociedade a morte desperta no ser humano um sentimento de medo e receio, mas, também de grande fascínio pelo simples fato de ser algo inevitável e inexplicável. O medo do desconhecido, e a incerteza do destino após a morte foi o que conduziu a espécie humana a elaborar meios que lhes garantissem uma boa passagem para o além. Sepulturas, Pirâmides, catacumbas, diversas foram as formas que o ser humano encontrou ao longo dos anos para destinar os restos mortais de seus entes queridos e assegurar uma boa partida na passagem da vida para a morte.

Partindo desse pressuposto, nosso estudo procurou analisar as práticas de sepultamentos na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Os objetivos desse trabalho foram alcançados à medida que conseguiram responder as problemáticas a que esse estudo se propôs. Através dessa pesquisa conseguimos identificar o porquê desses sepultamentos terem sido realizados na igreja, o que motivou tal prática e quem foram as pessoas agraciadas por elas.

Durante a pesquisa podemos identificar quais foram as principais atitudes que precediam e sucediam a morte, notamos que havia uma preocupação com o bem morrer. Os preparativos iam desde a escolha do hábito mortuário, passando pelo recebimento dos sacramentos até chegar a escolha do local do sepultamento. Essas informações foram colhidas nos livros de óbitos que foram essenciais na construção dessa pesquisa neles podemos identificar quais foram os principais locais de inumação de acordo com cada classe social, os sacramentos mais ministrados, as principais causas mortis e as cores de hábito mais usadas.

Assim como os livros, as lápides e demais sepulcros foram importantíssimos pois nos possibilitaram fazer um mapeamento das sepulturas dentro da igreja. Para que pudéssemos observar a localização e os aspectos morfológicos presentes em cada lápide e analisa-las. Não deixamos de notar que essa prática mortuária de sepultar na igreja refletia as hierarquias sociais e a condição socioeconômica do morto perpassando a devoção católica.

As práticas de sepultamentos reproduziam a posição socioeconômica do morto. Aqueles que tinham boas condições em vida puderam receber um sepultamento regado de cuidados não só recebeu uma cerimônia solene como recebeu todos ou boa parte dos sacramentos que incluíam a penitência, Eucaristia e a Extrema-unção. Enquanto as classes mais marginalizadas receberam uma cerimônia muito simples chegando muitas vezes a não receber nenhum sacramento ou a encomendação do corpo que era o básico.

No que diz respeito as indumentárias mortuárias não notamos muitas diferenças a cor mais utilizada pelos mais diversos níveis sociais foi o branco, embora houvessem outras variações como rosa, azul, verde, roxo, vermelho e até mesmo preto. Um outro aspecto que chamou atenção foram as lápides, muitas delas além das informações como nome, dia e ano de nascimento e de óbito do morto descrevem ainda a ocupação ou cargo que era exercido por ele na sociedade. O que dá a ideia de que as essas sepulturas eram destinadas a perpetuar a memória do morto e lembrar as pessoas que frequentavam a igreja da importância que elas tinham ou exerciam na sociedade.

Percebemos essas diferenças nas lápides do barão, da baronesa, e de alguns de seus filhos como o vigário Cícero Joaquim, os engenheiros Antônio Vieira e Luís Vieira e o bacharel Miguel Arcanjo. Desse modo, os sepultamentos na igreja Matriz se davam não só por um caráter religioso, mas também como uma forma de demonstrar poder. Somente pessoas que exerciam influência na freguesia socialmente ou economicamente seja pela ocupação de um cargo político ou pela quantidade de bens que possuíam puderam receber esse tipo de sepultamento.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, S. J., Moraes, F., Leite Neto, W., Miranda, K., Moraes, D. **Estudo Arqueológico na Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, Porto Calvo- Alagoas**. 2009. Programa de pós-graduação em arqueologia. UFPE.
- ARIÈS, Philippe. **A história da Morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1977.
- BRAVO, M. N. Cemitério (dos) desprivilegiados no Rio de Janeiro escravista. In: **VX Encontro Regional de História- Ofício do historiador: ensino e pesquisa**, 2012. p. 01-09.
- DOS SANTOS, A. R. Temp (L) o da Salvação: representações da Morte e Ritos Fúnebres no Seridó nos séculos XVIII e XIX. **Revista Inter-Lerege**, n. 5, 3 dez. 2013.
- GUINDO Messias Bonjardim, S. . de Castro Bezerra, D. ., & Mundim Vargas, M. A. (2010). A morte do cristão em transformação: As cidades e o espaço da morte. **Fênix- revista de história e estudos culturais**.
- NASCIMENTO, A. D. C. O fim dos enterramentos na igreja e a construção do cemitério: mudanças na cultura fúnebre em Maragogipe- BA. **Simpósio Nacional de História**. 2013.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História cultural**. Belo Horizonte, 2ª ed. Autêntica, 2004.
- REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In. ALENCASTRO, Luís Felipe. (org) **História da vida privada no Brasil- vol. 2: Império- império e a corte da modernidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1997. p. 95-142.
- REIS, João José. **A morte é uma festa: rituais fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SANTOS, J. P. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Água Branca: Uma joia Neoclássica no Sertão das Alagoas. **Simpósio Nacional de História**, Recife, 2019.
- SILVEIRA, F. A. de B. Práticas Tradicionais de Sepultamento na Cidade de Diamantina. **Revista brasileira de História das Religiões**. 2010.
- TAVARES, Diego Fontes de Souza. **Os muros do além: a construção do cemitério do Alecrim e a (des) secularização da morte em Natal/ RN**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- VIEIRA, Luiz Alberto Sales. **Entre a Vida e a Morte**. Interesses Populares, representações cristãs, e Medicina Social em Minas no século XX. Monografia. Universidade Federal de Ouro Preto, 2002.

FONTES

a) Fontes manuscritas

Acervo da paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Água Branca.

Livro de Registros de óbitos. Livro nº 02, ano de 1879-1887.

Livro de Registros de óbitos. Livro nº 03, ano de 1887-1992.

Livro de Registros de óbitos. Livro nº 04, ano de 1892-1904.

Livro de Registros de óbitos. Livro nº 05, ano de 1904-1920.

Livro de Registros de óbitos. Livro nº 06, ano de 1920-1947.

Livro de Registros de óbitos. Livro nº 07, ano de 1948-1959.

b) Fontes iconográficas

VERDERAME, Eduardo. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. 1994. 1 gravura. Preto e Branco.

REIS, Aline Lima Soares dos. Morfologia da planta baixa da Igreja Matriz de Nossa Senhora Da Conceição. 2021. 1 desenho técnico. Preto e Branco.

REIS, Aline Lima Soares dos. Sala das sepulturas na parede. 2021. 2 gravuras coloridas. Acervo Pessoal.

REIS, Aline Lima Soares dos. Lápide do barão e da baronesa de Água Branca. 2021. 2 gravuras coloridas. Acervo pessoal

REIS, Aline Lima Soares dos. Sala anexa. 2021. 1 gravura colorida. Acervo pessoal.

REIS, Aline Lima Soares dos. Retábulo- mor. 1 gravura colorida. Acervo Pessoal.

APÊNDICE A - Lista de pessoas sepultadas na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, 1861-1998.

Pertencentes a família do Barão de Água Branca:

Gertrudes Maria da Trindade. 1861.
 Misseno de Siqueira Torres. 1880.
 Blandina Vieira de Siqueira Torres. 1883.
 Joaquim Antônio de Siqueira Torres. 1888.
 Maria- 1894 (neta do barão)
 Manoel Vieira de Siqueira Torres. 1895.
 Cícero Joaquim de Siqueira Torres. 1898.
 Maria. 1903 (neta do barão)
 Maria. 1903.
 Minervina de Siqueira Torres. 1908.
 Francisca Barroso de Siqueira Torres. 1915.
 Luiz Vieira de Siqueira Torres. 1928.
 Alexandre Vieira de Siqueira Torres. 1932.
 Miguel Arcanjo de Siqueira Torres. 1935.
 Stella Torres. 1940.
 Antônio de Siqueira Torres. 1948.
 Joaquim Antônio Torres. 1988.
 Alzira Correia Torres. 1998.

Pertencentes a família da Baronesa de Água Branca:

Joana Vieira Sandes Sobrinha. 1885.
 Francisco Bizerra Lima. 1892.
 José Vieira Sandes. 1895.
 Umbelina Vieira Sandes. 1896.
 Urçula Vieira Lima. 1903.
 Maria da Conceição Sandes. 1908.
 Plínio José Vieira Sandes. 1909.

Flávio Sandes. 1909.

Maria Sandes. 1909.

Joana Vieira Sandes. 1923.

Pertencentes a Família do Coronel Ulysses Luna:

Josepha Maria de Araújo Luna. 1880.

Maria de Araújo d' Araújo Luna. 1883.

Antônia Vieira de Araújo Luna. 1884.

Auta Maria da Conceição Luna. 1896.

Joaquim. 1896. (filho de Ulysses Luna).

Amélia de Araújo Luna. 1950.

Outros

Maria Pereira Lourença. 1882.

Lygia Balthar. 1925.